



## EVOCÇÃO HISTÓRICA DA ECEME

No transcurso de seu 75º aniversário de criação, a 2 de outubro de 1980, a ECEME fez realizar, como parte das comemorações alusivas à data, um painel com a participação do General de Exército R/1 ALFREDO SOUTO MALAN, General de Divisão ALZIR BENJAMIN CHALGUS, General de Divisão OCTAVIO PEREIRA DA COSTA. Os conferencistas abordaram aspectos da história da ECEME sob os seguintes temas: "A ECEME, ORIGEM E EVOLUÇÃO ATÉ A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL", "A ECEME APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL" e "A ECEME E A DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA", trabalhos a seguir apresentados.

### A ECEME: Origem e Evolução até a 2ª Guerra Mundial General de Exército Alfredo Malan

Convidado, faz três semanas, para compor este painel, antes mesmo de tomar conhecimento de pormenores, aquiesci em participar da comemoração.

Nesta escola passei alguns anos de minha vida, como aluno e como instrutor; e não sei qual dos estágios me foi mais proveitoso. A ela nada posso negar.

No presente painel coube-me a tarefa de recordar ao ilustre auditório, a origem da Escola de Estado-Maior e a sua existência entre os dois conflitos mundiais. Entendi, não seria abuso, interligar seu nascimento à sua ressurreição, em 1920, depois de praticamente fechada por inação, em 1918. Como a Fênix egípcia, que tenha longa vida.

Resolvi, também, fazer algumas considerações pessoais que me foram ocorrendo ao longo acompanhamento de sua trajetória, nas suas duas etapas, a autótone e a de ritmo gaulês.

O Corpo de Estado-Maior, embora antigo entre nós, somente viu surgir sua escola de formação pelo Dec. n.º 5.698

do ano de 1905, num dia 2 Outubro como hoje. Esse decreto aprovava os regulamentos para os institutos militares de ensino, substituindo o Regulamento de 1874. Em seu artigo 49 prescrevia que a Escola de Estado-Maior, então criada, ficaria sob a imediata inspeção do Chefe do Estado-Maior do Exército, existente oficialmente desde 1896, como sabemos, mas na prática só ativado em 1899.

Tinha por fim a escola: proporcionar aos oficiais até o posto de capitão, inclusive, e que tivessem o curso de sua arma o que constituía minoria — a instrução militar complementar superior que os habilitasse ao serviço de estado-maior, naturalmente como na época era considerado.

O decreto em questão é um dos muitos atos que marcam a decisiva atuação pioneira do grande Ministro Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, no quadriênio anterior (1898-1902); a do Ministro Marechal Francisco de Paula Argolo; e o ocorrido no ambiente criado pela ação do então General Hermes Ro-

drigues da Fonseca que um mês antes (setembro de 1905) acabara de realizar as Grandes Manobras Militares de Santa Cruz, com três semanas de duração.

A Escola de Estado-Maior, nascida no último trimestre de 1905, já em meados de 1906 vê aprovado "o projeto de programa para o concurso dos candidatos à matrícula"

Embora existente esta sistemática desde seu primeiro ano de funcionamento, em 1907, ainda não é dado o devido valor à importância desta afirmação com risco e desta oportunidade criada para que o candidato adquira maiores conhecimentos, ambos indispensáveis às suas funções e que constituem, em conjunto, o alicerce moral e intelectual do nosso Quadro de Estado-Maior.

A velha escola teve uma juventude errante, ora funcionando em dependências de Estado-Maior, no velho Quartel do Campo; ora instalada aqui, na Praia Vermelha, quando a Escola Militar se transferiu para o Realengo; era mesmo, inquilina da Direção Geral de Saúde, no seu edifício da Praça da República.

Com efetivo da ordem de duas dezenas de alunos, teve existência por onze anos, de 1907 a 1917, ambos inclusive.

Surge então, com o advento da Missão Militar Francesa de Instrução (MMF) — cuja atuação profissional junto ao nosso Exército ainda não foi devidamente destacada —, a nova Escola de Estado-Maior que, em constantes melhoramentos, existe até hoje para orgulho nosso.

Na França, estabelecimento de ensino com o mesmo nome foi criado antes da era napoleônica, em 1766, na cidade de Grenoble. Suprimida em 1771 é recriada em Paris em 1818 e se transforma em Escola Superior de Guerra, em 1878, nome que conserva até hoje.

Entre as duas Guerras Mundiais, com esforço concentrado nos primeiros anos de sua afirmação e, particularmente desde que, em fins de 1921 deixou as dependências adaptadas do Quartel General e se mudou para sede própria, na área do antigo Hospital do Andaraí, a Escola marchou com passo firme e sob orientação inicial totalmente francesa.

Posteriormente o nosso estabelecimento superior de ensino foi se atualizando, mas a cerimônia de 7 Abril de 1920, presentes o Presidente Epitácio Pessoa, o Ministro Pandiá Calógeras, o Chefe do Estado-Maior do Exército, Marechal Bento Ribeiro e o Chefe da Missão, General Maurice Gamelin, abriu de par em par as portas da nossa convivência com a moderna técnica de Estado-Maior. Começou com as primeiras medidas de assentamento da tão necessária Unidade de Doutrina — Unidade que nos molda como peças intermutáveis — e, como elemento fundamental, o lógico e coerente equacionamento dos fatores da decisão. Prosseguiu com o trabalho, longo e pacientemente organizado num estreito contato do General Gamelin com nossas maiores autoridades militares e que precedeu a chegada da Missão, visando difundir as bases da Doutrina através da judiciosa seleção de regulamentos: alguns traduzidos, muitos adaptados, poucos cancelados. Tudo complementado pela farta documentação distribuída nas escolas e organizada sob a égide da Missão.

Assinale-se, de passagem, que a 26 de Fevereiro daquele ano, a Missão ainda em viagem, eram baixadas instruções para os exames de admissão.

Dada a esmerada preparação levada a cabo pelo General Gamelin nos seus longos meses de entendimentos em 1919, no Brasil e antes da sua volta à testa da

Missão, como as instruções para os exames de admissão, outras muitas medidas foram tomadas e que permitiram a entrada em atividade dos oficiais franceses sem perda de tempo.

Quanto às normas de ingresso neste estabelecimento, exceções ocorreram.

Esclarece o Relatório do Estado-Maior relativo ao ano de 1920. "Houve, para o ano de 1921, uma crise, pois um único candidato requereu inscrição no concurso para admissão nesta Escola, e isto causou um alarma descabido dando lugar à resolução de 30 novembro de 1920 que, por proposta da MMF, mandou admitir no curso de estado-maior, sem nenhuma prova especial, um determinado número de alunos de cada arma que concluíssem o curso da EAO, classificados nos primeiros lugares".

Esta, logo no início, não seria a única exceção, mas cabe destacar o caráter de crise que lhe foi conferida.

Apesar das alterações que vieram dando cada vez mais crédito ao nosso oficial de Estado-Maior, o que foi sendo realizado gradativamente, estou convicto que a maior mudança se fez em 1920 quando, partindo de um empirismo muito pouco abalado pelo esforço, aliás notável, dos Klinger, dos Leitão de Carvalho, dos Taborda, dos Souza Reis, dos Euclides Figueiredo e de mais uns poucos destacados abnegados, depois do estágio que realizaram no Exército germânico, a maior alteração foi a realizada pela Missão Militar Francesa, dada sua elevada qualificação e dado o seu lúcido empenho no cumprimento da tarefa assumida.

A inovação do caso concreto, tentada particularmente pelos "jovens turcos" no retorno do estágio feito no Exército do Kaiser, foi — e parece incrível que hoje tal se destaque — uma novidade

que plenamente tomou corpo e criou fundas raízes na nossa didática militar.

A mudança do bairro do Andaraí para a Praia Vermelha, em 1940, trouxe a Escola para um ambiente marcante, tanto histórico. Suas novas instalações, inclusive residenciais, permitem maior conforto, com redução ao mínimo de deslocamento, pois hoje é difícil conceber oficiais alunos residentes em Jacarepaguá ou em Marechal Hermes.

No decorrer do tempo fomos substituindo os nossos mestres franceses que, por sinal, em número reduzido, ficaram entre nós até mesmo depois de deflagrado o segundo conflito mundial. Por sugestão deles mas, sem desmerecê-los, muitas vezes também por iniciativa nossa, foi-se burlando o currículo de tal forma que passou esta Escola a constituir um padrão no confronto com suas congêneres e que é com justificado orgulho que podemos apresentá-la às mais destacadas visitas militares, como nela acolher companheiros de nações amigas.

As turmas sucessivas, saídas do Andaraí e da Praia Vermelha nestes últimos sessenta anos, vêm difundindo o respeito pelo trabalho que na Escola se realiza.

Quando estagiário na Escola Superior de Guerra, em Paris, pude bem aquilatar, por comparação, o alto nível do ensino aqui existente. No estágio feito no Corpo Permanente daquela escola, por ter deixado quando sai do Brasil as funções de instrutor nesta casa, foi sem maior dificuldade que montei, em todos seus pormenores, um tema tático de escalão exército. . . cobrindo-me face ao Reno, em vez de fazê-lo no corte do Mogy-Guassú. Se magníficos foram nossos mestres, os alunos souberam se manter à altura, como na prática o demonstraram fartamente os auxiliares imediatos do Marechal Mascarenhas de Moraes.

A tal respeito cabe citar o que, certa vez me confiou o mestre General Carpentier — ex-Chefe EM da Missão —: “O Corpo Expedicionário francês deixou o teatro de operações da península italiana sem maiores preocupações. Sabia que tropa brasileira o substituiria”. Não compareceu no vulto inicialmente projetado, mas a amostra justificou a confiança que previamente nela foi depositada.

Por se tratar de uma comemoração festiva na qual muitos já não podem tomar parte, embora tenham sido peças importantes na construção desta nossa catedral, não posso encerrar minhas palavras sem render especial homenagem a um companheiro. Foi ele ceifado em plena caminhada, eficiente, e, na marcha empreendida, dadas suas qualidades humanas e seus dotes de oficial de Estado-Maior, por certo chegaria sem favor onde cheguei. Refiro-me a Newton Castello Branco Tavares, conhecido de muitos aqui presentes, e de quem me recordo cada vez que entro nesta casa. Formando dupla, submetemos aos então alunos vários temas táticos e, não tenho dúvida, se as nossas posições se invertessem, ele, como ex-chefe do Estado-Maior, aqui, neste instante, estaria recordando o meu nome.

Através desta citação rendo minha sincera homenagem a todo aquele que, em determinada época, foi distinguido com a delicada porém honrosa missão de moldar os nossos oficiais de Estado-Maior.

## **A ECEME E A DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA**

**Gen Div Alzir Benjamin Chaloub**

Desde 1963, vive a ECEME um novo período de sua evolução histórica, o de auto-afirmação, em que procura ensaiar

e sistematizar uma doutrina própria que, uma vez aprovada pelo EME, serviria de base a uma nova Doutrina Militar Brasileira.

Dissemos *nova doutrina* porque, evidentemente, sempre, houve uma Doutrina Militar Brasileira, cujas bases foram demonstradas por CAXIAS, nosso maior soldado, nas terras paraguais: uma concepção da guerra nitidamente ofensiva, tirando partido das reais qualidades manobreadas de nossas tropas e da sua capacidade de vencer consideráveis obstáculos de terreno, e uma forma de guerra que, além de comportar manobras do tipo napoleônico, tinha o choque como inevitável; o corpo-a-corpo, rude e decisivo, selou todas as nossas grandes vitórias no passado.

Mas a evolução nem sempre foi favorável ao desenvolvimento de uma doutrina própria ao nosso Exército. O saudoso Marechal CASTELLO BRANCO, ex-comandante desta Escola, que há pouco lhe rendeu mais uma homenagem, em magistral conferência pronunciada na ESG em 1957, aponta, além de certo descuido em sua organização e preparação, a mentalidade dos oficiais positivistas, que dominaram o Exército em fins do Império e início da República, como uma das causas principais de nossa involução doutrinária. Explica o mestre insigne: — “Não foi a paz, tão necessária ao Brasil, que trouxe a estagnação a suas Forças Armadas. Foi a mentalidade dos oficiais positivistas, associada ao teorismo exagerado de nossa Escola Militar, que enfraquecia o espírito militar da oficialidade e criava a casta dos barbaéis de farda.”

Já em 1931, o General TASSO FRAGOSO, em discurso pronunciado na diplomação da turma de Estado-Maior, culpava os estabelecimentos de ensino,

que nenhum empenho tinham em transmitir às novas gerações o que os campos de batalha haviam ensinado.

Realmente, a triste Campanha de CANUDOS veio mostrar a precária situação a que ficara reduzido o Exército: lentidão de movimentos e a tropa se deixando bater por partes.

Havendo perdido a memória e desaprendido tudo o que antes sabíamos, procuramos adaptar o ensino da Escola às doutrinas vitoriosas no último conflito internacional — primeiro a alemã, depois a francesa e, por último, a americana. Este o sentido básico dos períodos evolutivos anteriores por que passou a Escola, embora, naturalmente, para isso tivessem concorrido outros fatores, de ordem política e econômica.

Parece-nos relevante observar, entretanto, que a existência de uma doutrina estrangeira nesta Escola não significa, necessariamente, a sua adoção em todo o Exército Brasileiro. Primeiro, porque o Estado-Maior do Exército sempre considerou esta casa como um laboratório de idéias, permitindo-lhe o ensaio e a experimentação de novas doutrinas, enquanto o Exército, como um todo, prosseguia adotando a doutrina oficial; segundo, porque a crônica dificuldade financeira em que vive nossa Instituição sempre impediu que aparelhássemos todo o Exército para adotar integralmente a doutrina importada. Por isso, repetimos, sempre houve uma doutrina brasileira, paralela à da Escola, por vezes mal sistematizada e, às vezes, até improvisada, como ocorria em nossas revoluções internas, quando parecia até querermos justificar o dito popular de que "na prática, a teoria é diferente".

O reconhecimento da existência de doutrinas paralelas, uma sistematizada e outra não, foi um dos fatores básicos do

surgimento do novo período evolutivo. O período atual, entretanto, teve implicações mais complexas, que foram atuando progressivamente desde o início da década de 60 e podem ser sintetizadas nas três causas seguintes:

a evolução da Doutrina Militar Norte-Americana, a partir de 1961, tornava cada vez mais irreal sua aplicação no ambiente sul-americano, caracterizado pelos fracas efetivos em grandes espaços e pela nossa pobreza em meios materiais: a ameaça crescente da guerra revolucionária, obrigando a Escola a pesquisar uma doutrina para enfrentá-la, doutrina essa que os americanos não possuíam e que devia ser buscada onde existisse, com quem já possuísse alguma experiência do assunto, como os franceses, que haviam sido batidos na INDOCHINA, mas estavam alcançando relativo êxito na ARGÉLIA; ou, então, teria que ser criada e desenvolvida pela própria Escola, mediante a análise das técnicas e processos empregados pelos marxistas:

a necessidade de compreender o mundo em acelerada evolução científica e tecnológica, que impunha novas exigências, continuamente modificadas, às qualificações e capacitações impostas ao futuro chefe

## 2. Áreas de Ensino

Para responder, pois, a esses desafios, a Escola propôs e foram aprovadas pelo Chefe do EME, em 23 de abril de 1963, os novos Currículos da ECEME e o Plano Geral de Ensino para 1963, os quais distribuíam o assunto a ser minis-

trado por quatro Áreas de Ensino, da seguinte forma:

- Área I: Operações de Defesa Territorial e Segurança Interna, tendo como base legal a Constituição Brasileira.

Foi criada para formular uma doutrina de Segurança Interna, cujos primeiros ensaios foram realizados em 1962. Grande parte da doutrina atual é fruto dessa experiência, bastando citar, como exemplo, a criação dos Destacamentos de Operações de Informações (DOI), Centro de Operações de Defesa Interna (CODI) e 5ª Seção nos QG, por propostas da ECEME, feitas em 1969, época em que graves agitações terroristas eram desencadeadas na área do II Exército. Para os mais novos deste auditório, parece conveniente recordar que, a 1º de maio de 1971, FIDEL CASTRO, que dois anos antes havia chefiado uma revolução nacionalista e moralizadora contra a ditadura corrupta de FULGÊNCIO BATISTA, declara-se marxista e proclama a República Socialista de CUBA. A partir de então, CUBA transformou-se no mais ativo foco de subversão do continente.

- Área II: Operações em TO continental e Segurança Interamericana, tendo como base legal a Carta da O.E.A.

Destina-se a ensaiar e sistematizar nova doutrina militar brasileira, tendo presentes os meios reais do nosso Exército. Era realizado o estudo do INVASOR e as operações se desenvolviam no nosso continente.

- Área III: Operações em TO extra-continental e Segurança Internacional, tendo como base a Carta das Nações Amigas.

Estas operações eram previstas para serem desenvolvidas preferencialmente na EUROPA e na ÁSIA, em ambiente nuclear ou não, de acordo com a Doutrina Norte-Americana, sendo realizado o estudo do AGRESSOR (países do bloco oriental).

- Área IV: Cultura Geral e Profissional, Chefia e Liderança, Técnicas de Comando e Funções de Estado-Maior em tempo de paz.

Era a área destinada a dar uma compreensão da evolução do mundo e a complementar a formação do Chefe Militar.

As Áreas do Ensino procuraram, assim, atender a todas as necessidades previsíveis, a todas as possibilidades de emprego do nosso Exército mas, sem dúvida, a sistematização de uma Doutrina Militar Brasileira e a criação de uma Doutrina de Segurança Interna foram seus aspectos mais destacados e de mais notáveis efeitos.

Episódios diversos enriqueceram a atuação da ECEME nesse novo período. Logo de início, ocorreu no país a Revolução Democrática de 31 de Março, quando a Escola transformou a Praia Vermelha num dos baluartes do país na luta contra a subversão. Em 1966, no mês de outubro, promoveu a Escola o I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E SEGURANÇA NACIONAL, reunindo professores universitários com instrutores militares, num esforço para promover a integração das escolas superiores das Forças Armadas com as escolas civis e aproximar alunos e professores das faculdades e das escolas superiores do Exército.

Com a presença e o prestígio do Reitor da Universidade do Estado de Guanabara, foi ali lançada a idéia de se

levar universitários para conhecer nossas Unidades de Fronteira e nossos Batalhões de Construção. Foi a origem do que acabou se transformando no atual PROJETO RONDON que, depois de realizar uma experiência-piloto no Batalhão de PORTO VELHO, em RONDÔNIA, não mais parou de crescer e, como diz OCTÁVIO COSTA, "de tão grande, não tem mais apenas o Exército como suporte, mas o BRASIL inteiro."

### 3. Extinção dos Cursos das Armas e Apoios

Com a criação das Áreas de Ensino, foram extintos os Cursos das Armas e dos Apoios que, até 1963, constituíram a base da organização do ensino na ECEME. Existiam até então os Cursos de Infantaria, Cavalaria, Blindados, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Defesa Anti-Aérea, Apoio Aerotático, Apoio Naval, Guerra Química, Bacteriológica e Nuclear, Tática Geral, Logística e História Militar.

A extinção desses Cursos trouxe conseqüências prejudiciais ao Ensino da Escola, pois eles asseguravam perfeita unidade de doutrina, atualizando e mesmo suprimindo eventuais deficiências, reduções e mesmo a suspensão do Curso da EsAO em determinado período, além de homogeneizar os conhecimentos dos Oficiais alunos.

Por outro lado, constituíam os Cursos verdadeiros núcleos especializados em pesquisa e atualização doutrinária, com grande acervo de trabalhos realizados e constantemente renovados.

Não podia, porém, a ECEME mantê-los ante a nova carga de assuntos introduzidos, e a solução foi, a par da evolução dos cursos da EsAO, a criação de cursos por correspondência; em 1965,

o Curso Preparatório para os candidatos ao Concurso de Admissão e o Curso de Atualização dos Diplomados da ECEME, para os oficiais diplomados pela Escola.

A evolução prosseguiu com uma série de atos que modificavam seja o ensino, seja a organização da Escola.

### 4. Novo Regulamento

Em 1968, foi aprovado o Regulamento da ECEME ainda em vigor, que extinguiu as Áreas de Ensino e criou as atuais Seções de Ensino, as quais, até certo ponto, vieram sanar os inconvenientes da supressão dos antigos Cursos de Armas e Apoios.

Com isso, foi encerrada a 1ª fase do novo período.

As áreas de Ensino passaram a constituir apenas um marco, e dos mais decisivos, na sua evolução. Cumpriram sua finalidade de estimular o desenvolvimento de uma Doutrina Brasileira, e podia a Escola voltar à sua organização tradicional, agora com uma doutrina unificada e adaptada às nossas reais necessidades e possibilidades.

Nesse mesmo ano de 1968, houve nesta Escola um dos acontecimentos mais marcantes e significativos de sua história: — a realização da CONFERÊNCIA DOS EXÉRCITOS AMERICANOS, da qual o BRASIL saiu engrandecido pelo valor da sua contribuição e primor da organização.

### 5. Subordinação ao DEP e criação do Curso de Extensão e Aperfeiçoamento (CEA)

Em 1969, com a finalidade de diminuir o tempo de afastamento dos oficiais de suas funções na tropa e repartições,

foi criado o CEA, destinado a substituir o 1.º ano da Escola. Realizado por correspondência para os oficiais aprovados no Concurso de Admissão, não obteve resultados compensadores, funcionando apenas em 1970 e 1971, quando foi extinto.

Em 17 de fevereiro de 1970, a ECEME passou a integrar o recém-constituído DEP, saindo da égide do EME e ficando subordinado à DFA.

## **6. Lei do Ensino de 1971**

Em 3 de dezembro de 1971, foi promulgada nova Lei do Ensino, que introduziu profundas modificações nas condições para admissão à ECEME. A seleção dos candidatos passou a ser feita por critérios exclusivamente profissionais, reservando-se 50% das vagas para os oficiais que tivessem concluído a EsAO com a menção Muito Bem e houvessem se classificado no 1.º quarto de cada turma das Armas ou no primeiro sexto de cada turma de Material Bélico ou dos Serviços. Os outros 50% das vagas seriam preenchidos com os aprovados e classificados num Concurso de Admissão cujo exame intelectual constava de duas provas versando sobre conhecimentos militares já ministrados na EsAO, uma sobre Emprego Combinado das Armas e Serviços, sob a forma de exercício na carta, e outra prova relativa a conhecimentos sobre a Guerra Revolucionária.

As novas condições de acesso à ECEME exigiram que fossem introduzidos no Currículo normal muitos dos assuntos anteriormente exigidos no Concurso de Admissão, além de outras matérias determinadas pelo DEP na Portaria Particular de Ensino nº 1/ DEP, de 21 Dez 71, julgadas indispensáveis à forma-

ção da base cultural do futuro oficial de Estado-Maior, tais como Geografia Militar e História Militar, Lógica Material, Sociologia, Economia Política, Psicologia, Direito Público Constitucional, Direito Público Internacional e Política.

## **7. Reestruturação dos Cursos e Reformulação do Ensino (1974)**

Em agosto de 1974, recebeu a ECEME ordem para realizar estudos sobre a reestruturação dos seus cursos, examinando em particular a possibilidade de redução do Curso para dois anos, com a manutenção dos objetivos básicos, bem como a alternativa de desdobramento do Curso em dois ciclos, o primeiro com a duração de 2 (dois) anos, destinado à formação do Oficial de Estado-Maior, e o segundo com a duração de 1 (um) ano, destinado ao Curso Superior de Comando, com acesso limitado e baseado no resultado do primeiro ciclo e desempenho do oficial nas funções de Estado-Maior.

Quando a ordem de reestruturação dos Cursos chegou à ECEME, já estava ela procedendo a uma reformulação do seu ensino para o próximo ano de 1975, com o objetivo de elevar o seu nível e melhor atender às novas exigências de formação do futuro Chefe Militar. Tinha sido examinada a evolução das Escolas congêneres no país e no exterior, e chegou-se à conclusão da conveniência de diferenciar a formação do Oficial de Estado-Maior da do Comandante de GU, optando-se pela solução do desdobramento do antigo curso em um Curso de Estado-Maior de dois anos e um Curso Superior de Comando, de um ano, este abrangendo também os oficiais da linha científico-tecnológica. Ao mesmo tempo, se apontava para os inconvenien-

tes do sistema de seleção em bases exclusivamente profissionais.

### 8. Lei do Ensino de 1975

A 19 de novembro de 1975, é promulgada nova Lei do Ensino, a atual, em que foram incorporadas muitas das medidas propostas pela ECEME, em particular que a seleção dos candidatos voltasse a ser baseada em concurso com prova de Cultura Geral, devendo o grau final de aprovação nos cursos da EsAO e do IME constituir apenas uma das parcelas para o cálculo do grau final de classificação no concurso de admissão. Somente seriam dispensados do concurso de admissão os oficiais que houvessem concluído os cursos de aperfeiçoamento ou de graduação nos primeiros lugares de cada turma, bem como os segundos colocados nas turmas de vinte ou mais concludentes.

Além disso, a nova Lei passou a exigir para todos, concursados e qualificados, a aprovação no C Prep, que passou a fornecer os subsídios indispensáveis à prova de Cultura Geral.

### 9. Redução da duração dos Cursos

Em 29 de outubro de 76, a Portaria Ministerial nº 1.805 introduziu modificações nos cursos da ECEME, para vigorar a partir de 1977 determinando:

- reduzir a duração do CCEM para as Armas e o Quadro de Material Bélico, de três para dois anos, mantidos os seus objetivos básicos;
- desdobrar o CCEMS em CCEMS—Intendência, com a duração de dois anos e CCEMS—Saúde, com a duração de um ano;

- criar o CDEM, para oficiais do Quadro de Estado-Maior, com a duração de um ano.

Com a redução da duração do CCEM, voltou a Escola a ser, para os oficiais das Armas, basicamente uma Escola de Tática Geral, pois os assuntos de Extensão Profissional e Cultural tiveram que sofrer grandes reduções em suas cargas horárias a fim de ser mantido o tempo destinado ao estudo das operações militares.

Além disso, apelou-se para a criação dos Estágios Opcionais, solução que o Exército Norte-Americano adotou em LEAVENWORTH, em 1971, mas não a considera ideal, apenas uma contingência para não alterar seu rígido plano de carreira, que não admite maior duração do curso.

Na nossa ECEME houve, ainda, maior dinamização e ampliação do estudo em domicílio, apresentando em sala apenas o indispensável de cada assunto.

Simultaneamente, prossegue a Escola no aperfeiçoamento de seus processos didáticos, incentivando o auto-aperfeiçoamento, estimulando a criatividade, centrando o ensino no aluno e enfatizado os trabalhos coletivos com discussões dirigidas e debates.

### 10. Elaboração da Doutrina

A elaboração de uma Doutrina Militar Brasileira sistematizada constitui a mais expressiva contribuição da ECEME ao aperfeiçoamento do nosso Exército.

Não podemos esquecer que toda doutrina se apóia numa teoria. A teoria é científica, deriva de uma hipótese inicial, que os acontecimentos demonstram ser verdadeira naquelas circunstâncias. Já a Doutrina é a aplicação prática da Teoria. A Teoria explica e a Doutrina coordena. A Teoria diz o *porquê fazer* e a Doutri-

na o *como fazer*. Depois, o planejamento dirá o *que fazer*. A Teoria é universal, abstrata, subjetiva, intelectual, explicativa e quase imutável, enquanto a Doutrina é particular e conjuntural, concreta, objetiva, normativa, sistematizadora e evolutiva.

O Marechal FOCH, ao se despedir do Gen GAMELIN, que vinha para o BRASIL chefiar a Missão Militar Francesa, dá-lhe um último conselho: "A guerra não se transplanta de um país para outro: mas é sempre a guerra."

A Doutrina Militar Brasileira terá sempre, pois, que se fundar em Teorias de Guerra, bem como em ensinamentos das Forças Armadas mais experientes e, necessária e predominantemente, em fatores brasileiros e sul-americanos. Isto é o que a ECEME vem fazendo. Com a aprovação, pelo EME, em 1972, da nova organização das Forças Terrestres em Divisões de Exército e Brigadas, e a publicação da IP-100-5-OPERAÇÕES, em 1975, os antigos manuais, simplesmente traduzidos, foram adaptados à nova organização, ao armamento e equipamentos nacionais que substituíram os importados e, particularmente, às características do TO continental.

A Doutrina de Apoio Administrativo acompanhou "pari-passu" a evolução das operações táticas. Já na década de 50/60, tinha sido idealizado um Sistema de Apoio Administrativo que substitua o preconizado pelos americanos. A partir de 1968, foi adotado o SAAEB (Sistema de Apoio Administrativo do Exército Brasileiro), elaborado com base na experiência acumulada pela ECEME no estudo dos diversos escalões, na organização de nossas Forças, à época, e nas condicionantes geográficas, polí-

ticas, militares, psicossociais e econômicas do TO sul-americano.

Com a reorganização do Exército, houve a criação efetiva dos B Log de Brigada e Divisões de Exército, preconizada pelo SAAEB e, em 1977, o EME aprovou o Manual de Campanha C 100-10 - APOIO ADMINISTRATIVO, modificando o SAAEB e estabelecendo uma estrutura integrada e eficaz que aglutina todos os escalões do Exército, tanto na paz como na guerra, com um mínimo de transformações ou adaptações, na passagem de uma para outra. Algumas Regiões Militares já implantaram a nova estrutura, e a ECEME elabora os novos manuais que irão complementar a nova doutrina.

Como vêem, a elaboração de uma Doutrina exige um trabalho contínuo de pesquisa, avaliação e conclusões, tudo dentro da maior objetividade. É uma luta incessante contra o conservantismo e contra a visão simplista de problemas complexos. O trabalho tem que ser árduo para não ser ultrapassado pelo tempo e pelos acontecimentos. Seu valor reside na legitimidade de sua origem, na elaboração consciente e responsável e na busca permanente da evolução e da atualização.

## 11. O Futuro da ECEME

Esta exposição estaria incompleta se daqui não procurássemos vislumbrar algo sobre os futuros rumos da ECEME.

Após, por longo tempo, ter-se consagrado ao estudo de uma guerra passada, ela passa a se preocupar basicamente com a guerra do futuro. Após, por longo tempo, ter-se limitado ao estudo de doutrinas alienígenas, ela passou à fase de auto-afirmação, ensaiando a elaboração de uma doutrina própria.

Agora, a evolução de nossa doutrina será basicamente influenciada pelo desenvolvimento da Indústria Bélica Nacional, pelas novas Organizações que forem adotadas para nossas Forças Terrestres e pelos novos Sistemas de Apoio Administrativo que forem criados.

A nova estrutura da Escola, a duração dos seus cursos e os novos rumos do seu Ensino alcançarão sua maior eficiência com a implantação de um novo Plano de Carreira e com a criação do Curso Superior de Comando, destinado à formação dos Comandantes de Grandes Unidades e Grandes Comandos e de Oficiais de Estado-Maior para a Administração Militar de Alto Nível.

Finalizando, aos que conosco vieram prestigiar nossa ECEME e aos que trabalham nesta Casa, queremos deixar nossa mensagem de otimismo e de confiança no trabalho honesto que aqui se realiza, na consciência que todos temos de nossa responsabilidade na construção da grandeza do nosso país. São nossos votos de que a ECEME continue buscando nas origens mesmas da Instituição a inspiração criadora que a manterá sempre renovada e que encontre na solidariedade das gerações o estímulo incessante de um profundo amor ao BRASIL.

## A ECEME APÓS A 2ª GUERRA MUNDIAL

Gen Div Octavio Costa

### 1. PALAVRAS INICIAIS

#### a. Compreensão do Tema

Emocionado por estar, outra vez, na escola onde vivi e em que vivi os melhores anos de minha vida, agradeço ao querido amigo e grande Comandante — General DIÓGO FIGUEIREDO — a hon-

ra de participar deste painel de levantamento histórico, situado entre dois dos mais brilhantes soldados e mestres que encontrei em meu caminho, os Generais MALAN e CHALOUB.

Delimitando meu tema — “A ECEME após a 2ª Guerra Mundial” entre a grande conflagração e a Revolução de Março, o que vale dizer entre 1939 e 1964, dimensiono, em cerca de 25 anos, o meu percurso.

Compreendo que se espera de mim o testemunho sobre o período em que a escola mais sofreu a influência da doutrina norte-americana.

#### b. Roteiro

Assim compreendendo, procurarei desenvolver o assunto, tanto quanto possível sob a forma de testemunho e, de pesquisa, nas fases até onde não chegou minha vivência. Assim procedendo, procurarei rever a escola em suas características, seus costumes, seus processos, e, principalmente, em seus homens. A maior parte desses homens, antigos instrutores, ainda se mantém na atividade do Exército ou da vida pública — são hoje o Presidente, cinco Ministros de Estado, 60% do Alto-Comando, nossos quatro juizes do STM, dois Embaixadores, 80% dos Generais-de-Divisão, 60% dos de Brigada e o Presidente da Eletrobrás e de Itaipu.

Muitos, porém, já se foram. Alguns se situam entre os melhores soldados brasileiros de todos os tempos. Nosso testemunho focalizará especialmente os dois que mais influíram sobre os destinos desta escola neste período: HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO e ORLANDO GEISEL.

Com essa compreensão e para seguir esse roteiro, adotarei o seguinte sumário:

- 1) Palavras iniciais
- 2) A escola que não cheguei a ver (De 1939 a 1948)
- 3) Minha Escola de Estado-Maior (De 1949 a 1955)
- 4) A ECEME vista de longe (De 1955 a 1959)
- 5) Voltando à ECEME (De 1959 a 1964)
- 6) Palavras finais

## 2. A ESCOLA QUE NÃO CHEGUEI A VER

### a. Características do período

Do ano de 1939 — da deflagração da guerra mundial — ao princípio de 1949, em que aqui me apresentei como aluno, há dez anos sobre os quais não posso ter testemunho pessoal, mas que irei recordar, sinteticamente, nos marcos da cronologia:

Subdivido esse período em três tempos:

- do início da 2ª Grande Guerra (39) à nossa de declaração de guerra (agosto de 42);
- da declaração de guerra (agosto 42) à total extinção da FEB (fins de 45);
- de princípios de 46 a princípios de 49.

### b. Esta escola no tempo de pré-guerra

1) Declinara a influência francesa sobre o Exército e sobre esta escola nos últimos anos 30. Por volta de 1937, sendo chefe da Missão o General NOEL, os instrutores brasileiros assumiram a direção dos trabalhos escolares, permanecendo alguns franceses como supervisores.

Se é certo que as revoluções de 30 e 32 influíram pouco sobre nossa evolução doutrinária, havia, a partir de 1936,

profundo interesse em relação aos episódios militares da Guerra Civil Espanhola, pois ali se experimentavam os novos materiais e processos de combates dos exércitos dos países totalitários. A doutrina alemã de emprego de blindados tinha notável força de convicção e sedução, capaz de inspirar novo surto de germanofilia, de sensibilizar altos chefes militares e de abrir espaço para amplas discussões que, partindo do pensamento militar, se precipitavam, quase sempre, no político e no ideológico.

Apesar de nossa incontestável vocação democrática, as particularidades de nossa situação interna — o governo ditatorial de VARGAS, as minorias raciais do sul do país e as falácias do movimento integralista — não permitiam segura antecipação de nossa posição contrária aos estados nazi-fascistas.

2) Devemos ao gênio político de OSWALDO ARANHA e à visão estratégica do General GEORGE MARSHALL, Chefe do Estado-Maior dos Estados Unidos da América, o início, em 1939, das negociações para a cooperação militar entre os dois países. Convém lembrar algumas datas, colhidas em livro do historiador HÉLIO SILVA:

9 Jan 39 — Telegrama de ROOSEVELT a VARGAS convidando o Chanceler ARANHA para entendimentos pessoais com autoridades americanas.

13 Jan 39 — VARGAS concorda com a viagem de ARANHA.

3 Feb 39 — General GÓIS MONTEIRO aceita convite para assistir às manobras de Wehrmacht.

12 Feb 39 — ROOSEVELT recebe ARANHA e dá ênfase a assuntos econômicos e militares.

18 Feb 39 — ARANHA telegrafia a VARGAS transmitindo pedido do gover-

no norte-americano para a visita do Gen MARSHALL ao Brasil.

20 Fev 39 — VARGAS telegrafa indagando os objetivos da visita de MARSHALL.

21 Fev 39 — ARANHA esclarece que visita encerra o objetivo de colaboração na defesa comum do hemisfério.

10 Mai 39 — Carta de EDMUNDO MACEDO SOARES, em viagem aos EUA, ao Ministro da Viação, relatando entendimentos com "United States Steel" com vistas ao financiamento de uma usina siderúrgica no Brasil.

25 Mai 39 — Chega ao Rio a missão militar chefiada pelo Gen MARS HALL.

Jun 39 — Chega ao Rio missão técnica americana para analisar a construção de uma usina siderúrgica.

22 Jun 39 — Gen GÓIS MONTEIRO almoça com ROOSEVELT na Casa Branca.

7 Jul 39 — Carta de GÓIS, em viagem aos EUA, solicitando instruções quanto a negociações para obtenção de material bélico.

8 Ago 39 — Carta de GÓIS a MARSHALL tratando do fortalecimento do Exército Brasileiro e da possibilidade do estabelecimento de bases norte-americanas no Nordeste e em Fernando de Noronha.

9 Jan 40 — Nosso Embaixador nos EUA informa a VARGAS as dificuldades surgidas nas negociações para a construção de nossa usina siderúrgica.

24 Mai 40 — Carta do Embaixador CARLOS MARTINS a VARGAS informando sobre inclinação do governo norte-americano em aceitar o financiamento à nossa siderurgia como condição para uma intensificação do intercâmbio militar entre os dois países.

Mai 40 — O Ten Cel LEHMAN MILLER assume a chefia da Missão Mili-

tar Norte-Americana, substituindo o Cel KIMBERLEY, que aqui chegava com o Gen MARSHALL. Datam de então as atividades regulares dessa missão, só encerradas no Governo GEISEL.

3) Nesse tempo, de 1939 a 1942, comandava a escola o Cel RENATO BAPTISTA NUNES, notável profissional, sob cuja direção foram dados alguns importantes passos de sua evolução.

- funcionamento dos cursos de alto-comando e de aperfeiçoamento de estado-maior (experiência restrita a 1939);

- criação do primeiro curso de preparação, por iniciativa do EME;

- instalação na Praia Vermelha, em junho de 1949;

- ingresso dos primeiros oficiais estrangeiros, 4 paraguaios (1940);

- criação do curso de estado-maior para oficiais aviadores (1941).

4) Convém lembrar algumas datas:

25 Jan 39 — Queda de Barcelona

14 Mar 39 — Invasão da Tchecoslováquia

28 Mar 39 — Queda de Madri

1 Set 39 — Invasão da Polônia, início da 2ª Guerra Mundial.

13 Dez 39 — Couraçado alemão "Graf Spee" aporta, avariado, a Montevideu, depois de combate no estuário do Prata.

10 Mai 40 — Invasão da França

11 Jun 40 — Discurso de VARGAS, simpático à Alemanha, pronunciado a bordo do couraçado "Minas Gerais".

14 Jun 40 — Tropas alemãs chegam a Paris.

Jul 40 — Na 2ª Reunião de Consulta, em Havana, chanceleres americanos acordam que "todo atentado a qualquer de nossos países é um ato de agressão a toda a América".

Out 40 – Autoridades navais inglesas aprisionam, em Lisboa, navio brasileiro "Siqueira Campos", que transporta material bélico comprado na Alemanha antes do início da guerra.

18 Dez 40 – Atendendo gestões norte-americanas, governo inglês libera "Siqueira Campos".

7 Dez 41 – Ataque Japonês a Pearl Harbour.

Jan 42 – O General LEITÃO DE CARVALHO começa a chefiar, em Washington, a delegação brasileira da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos.

28 Jan 42 – Rompimento de relações com a Alemanha, a Itália e o Japão.

Fev a Ago 42 – Intensificação dos torpedeamentos de navios brasileiros.

22 Ago 42 – O Brasil declara guerra aos países do eixo.

5) HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, como professor de Tática e História desta escola, acompanhava, em 1939 e 1940, esses acontecimentos. Acabara de chegar de Paris, onde cursara a Escola Superior de Guerra, nos anos 37 e 38, e fora promovido ao posto de Major. Era sua quarta estada nesta casa. Na primeira, de 29 a 31, ainda 1º Tenente, como aluno. Em 1934, foi professor de Tática, função retomada, em 1936, ainda como Capitão, depois de haver estado, em 1935, no 15º Batalhão de Caçadores, em Curitiba.

Papel destacado haveria de caber-lhe, em futuro próximo, na transição da influência francesa para a norte-americana, precisamente a ele, de formação marcada pela cultura francesa, dominando completamente o idioma desde o Colégio Militar de Porto Alegre, discípulo dileto da Missão Francesa.

Dois outros eminentes chefes militares contemporâneos viveram a escola

desse tempo: AURELIO DE LYRA TAVARES concluiu seu curso em 1939 e ORLANDO GEISEL foi aluno de 41 e 43.

#### d. Da declaração de guerra à volta da FEB

1) O país e o Exército passam a viver, a partir de 1942, o clima de preparação para a guerra, começando esta escola a dedicar-se ao estudo da nascente doutrina norte-americana, ela própria uma mescla da francesa e da alemã.

2) Pelo exame da cronologia pode-se, paralelamente, interpretar o papel desta escola:

14 Jan 43 – Parte do Brasil o último chefe da Missão Francesa, General CHADEBEC DE LAVALADE, para juntar-se aos franceses livres na África do Norte.

29 Jan 43 – Encontro de VARGAS e ROOSEVELT em Natal.

Mar 43 – Viagem do Brigadeiro EDUARDO GOMES ao Norte da África.

9 Ago 43 – Portaria Ministerial organizando a FEB.

Ago 43 – Escolha do General MASCARENHAS DE MORAES para comandar a FEB.

Ago 43 – Viagem do Ministro DUTRA aos EUA.

6 Dez 43 – Gen MASCARENHAS parte para Argel.

Ago 43 – Escolha do General MASCARENHAS DE MORAES para comandar a FEB.

Ago 43 – Viagem do Ministro DUTRA ao EUA.

6 Dez 43 – Gen MASCARENHAS parte para Argel chefiando missão militar de observação.

Jan 44 – Grupo de doze oficiais brasileiros estagia em Fort Leavenworth.

Jan 44 — 1º Grupo de Caça voa para os EUA.

4 Jun 44 — V Exército chega a Roma.

2 Jul 44 — Partida do 1º escalão da FEB.

16 Jul 44 — Chegada do 1º escalão da FEB a Nápoles.

15 Set 44 — FEB começa a participar das operações.

8 Mai 45 — Término da guerra na Europa.

11 Jul 45 — General MASCARENHAS chega ao Rio.

18 Jul 45 — 1º escalão da FEB desembarca no Rio.

6 Ago 45 — Explosão atômica de Hiroshima.

9 Ago 45 — Explosão atômica de Nagasaki.

14 Ago 45 — Rendição incondicional do Japão.

Set a Nov 45 — MASCARENHAS, acompanhado de CASTELO BRANCO visita os campos de batalha da Europa e os EUA.

3) Até julho de 1943, comandava a escola o Coronel HENRIQUE BAPTISTA DUFLES TEIXEIRA LOTT, sucedido por FERNANDO SABÓIA BANDEIRA DE MELO e, em abril de 1945, pelo primeiro General a comandá-la, FRANCISCO GIL CASTELO BRANCO.

4) Em 1943, inicia-se a matrícula dos oficiais dos serviços de Saúde e de Intendência.

5) Os primeiros oficiais brasileiros a estagiar na ECEME norte-americana são quase todos instrutores ou ex-instrutores desta casa: HENRIQUE LOTT, ZENO ESTILAC LEAL, FLORIANO DE LIMA BRAYNER, HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, HERALDO FILGUEIRAS, AMAURY KREUL, TEÓFILO ARRUDA, AU-

GUSTO MAGESSI, AURÉLIO DE LYRA TAVARES, NELSON BARBOSA DE PAIVA, JOÃO MANOEL SOBRAL e ANTONIO ALMEIDA DE MORAES.

6) Em setembro de 1945, morre o General TASSO FRAGOSO, e sua família oferece sua excelente biblioteca à escola.

7) Durante esse tempo, aqui estava a outra forte personalidade de influência marcante no período de absorção da influência norte-americana: ORLANDO GEISEL. Em 1943, cursava o 3º ano; em 44, era instrutor do Curso de Artilharia e, em 45, de Tática Geral. Afasta-se em setembro de 1945, para cursar, até maio de 1946, a ECEME norte-americana.

É curioso observar como, a partir de então, os dois grandes chefes militares se revezam nesta escola, com raros e breves períodos de simultaneidade.

#### d. A escola começa a absorver os ensinamentos da FEB

1) Não se repetem, ao término da 2ª Guerra Mundial e por ocasião do retorno da FEB, os erros cometidos após a Guerra do Paraguai, quando o Exército, por não saber valorizar os ensinamentos da difícil campanha, pagou o alto preço da decadência do espírito profissional.

A experiência dos combatentes da Itália seria recolhida, principalmente nas escolas aqui, na EsAO e na AMAN. Muitos Tenentes da FEB foram mandados para as Agulhas Negras: Capitães e Majo- res, nomeados instrutores da EsAO ou matriculados nesta escola, enquanto o oficial de Operações da Divisão de Infantaria Expedicionária — Coronel HUMBERTO CASTELO BRANCO — viria a ser nosso Diretor de Ensino.

Além disso, os novos rumos e tendências de nossa política exterior, as resoluções das conferências internacionais, o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) e os acordos militares bilaterais, entre o Brasil e os Estados Unidos, haveriam de vincular-nos ainda mais à órbita norte-americana.

2) Em princípios de 1946, aqui já estava CASTELO BRANCO. Note-se que, nesse tempo, o Comandante não era o Diretor de Ensino. Quem, efetivamente, dirigia o ensino era o antigo chefe da 3.<sup>a</sup> Seção do Estado-Maior da FEB, trabalhando com o General Gil CASTELO BRANCO até junho de 46 e, depois, com o General TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE até princípios de 49, quando os dois se afastaram da Praia Vermelha.

Tudo girava em torno de CASTELO. Ele analisava pessoalmente todos os trabalhos escolares, principalmente os temas táticos. Modificava-os, imprimia-lhes orientação e idéias pessoais. Além disso, ia assistir às aulas e assumia, muitas vezes, o papel do instrutor. Se, por um lado, o extraordinário esforço pessoal do Diretor de Ensino assegurava unidade de doutrina e comando das transformações, a forte centralização gerava ansiedade, tensão e luta permanente contra o tempo, sendo comum o instrutor começar a ministrar o exercício ignorando qual viria a ser a evolução dos acontecimentos, pois as situações particulares ainda dependiam da aprovação do onipresente Diretor.

A escola preocupava-se com as questões do apoio administrativo, do apoio aéreo, do emprego de blindados e da unificação operacional e de comando, mas ainda não copiava os modelos americanos de estudos de situação, de ordens e de planos, nem traduzia seus manuais

de campanha. O forte embasamento cultural francês de CASTELO e sua sensibilidade para os aspectos particulares de nossos teatros de operações impunham ritmo prudente à absorção dos conceitos norte-americanos.

Outra característica da escola desse tempo era a presença dos combatentes da FEB, mais no corpo discente do que no docente. Nas salas de aula, estavam vários comandantes de companhia, de batalhão, de bateria e de grupo, dando realismo às discussões e reagindo, algumas vezes, incisivamente, contra tudo o que lhes parecesse ser idéia teórica ou fora da realidade de combate, mas também esquecidos de que haviam participado de uma campanha muito particular, em terreno montanhoso e contra um inimigo já quase desprovido de blindados e de meios aéreos.

3) Em 1946, a escola recebe a visita de grandes chefes militares: Generais DWIGHT EISENHOWER em agosto; ALPHONSE PIERRE JOUIN e MARCEL CARPENTIER em novembro, ficando DE LATRE TASSIGNY para outubro de 1947.

4) Também em 1946, a França começa a enfrentar graves problemas coloniais. Reconhece o Estado Livre do Vietnã, mas não aceita a união da Cochinchina.

5) No princípio de março de 1947, é criado o Curso de Estado-Maior e Serviços.

6) ORLANDO GEISEL, de volta da tropa, integra a equipe que no Estado-Maior Geral, futuro Estado-Maior das Forças Armadas, viria a realizar os estudos para a criação da Escola Superior de Guerra.

7) Convém observar que, em 1948, reformulou-se o regulamento do Estado-Maior do Exército, a que esta escola estava diretamente subordinada. Outras

reformulações datavam de 1934 e 1938. A importância desta última é que nela se criou o quadro de estado-maior.

### 3. MINHA ESCOLA DE ESTADO-MAIOR (49 a 55)

#### a. Meu tempo de aluno

1) Ao chegar à ECEME, em princípios de 1949, para cursar o primeiro ano, como Capitão muito moderno e não aperfeiçoado, encontrei ARARIPE e CASTELO já de partida, destinado, este último, ao Estado-Maior do Exército, onde iria ser Chefe de Operações e, depois, da Seção de Planejamento.

2) Eu vinha da batalha do exame de admissão, realizado pelo Estado-Maior do Exército, onde, com forte influência sobre ele servia GOLBERY DO COUTO E SILVA, e caracterizado pela prevalência dos assuntos culturais, com especial destaque para a Geografia e a História. Nos anos subsequentes, as dificuldades do concurso, comparáveis às do ingresso na carreira diplomática, geraram os cursinhos de preparação, que vieram a revelar especialistas no preparo de candidatos à admissão, alguns extremamente competentes e dedicados, como o saudoso FLAMARION PINTO DE CAMPOS e o OCTAVIO TOSTA DA SILVA.

3) Misturavam-se as faixas etárias havia jovens Capitães instrutores e antigos Tenentes-Coronéis alunos. Isso se passava em minha própria turma. Basta lembrar que tive, como colegas, chefes militares bem mais antigos do que eu — EDUARDO D'ÁVILA MELO, EULER BENTES MONTEIRO, OSCAR JANSEN BARROSO, DÉLIO BARBOSA LEITE, EDGAR BONECAZE, GASTÃO GUIMARÃES DE ALMEIDA, ANTONIO HAMILTON MOURÃO, JOÃO DUTRA DE CASTILHO e que vim a ser instrutor

de SYSENO SARMENTO e VICENTE DE PAULO DALE COUTINHO.

É que, durante a guerra, suspenso o curso de aperfeiçoamento, permitiu-se que os oficiais não aperfeiçoados fizessem o exame de admissão.

4) E escola estava organizada em cursos: de Infantaria, Cavalaria, Blindados, Tática Geral, Logística, Artilharia, Artilharia Anti-Aérea, Engenharia, Comunicações, Guerra Química, História Militar, Cultura Geral, Cursos Naval e de Aeronáutica. Ao Curso de Infantaria estava reservado o ensino do Regimento de Infantaria e do Grupamento Tático e ao de Cavalaria, o das unidades hipomóveis, da Divisão de Cavalaria e do Corpo de Cavalaria. O de Blindados ministrava exercícios específicos e cooperações em outros temas, referentes a unidades mecanizadas, blindadas e à Divisão Blindada. O curso de Tática Geral desenvolvia os temas de Divisão de Infantaria, corpo de Exército e Exército. O de Logística tinha exercícios próprios e cooperações nos temas de Infantaria, Cavalaria e Tática Geral. Os cursos referentes às armas de apoio ao combate cooperavam com os das armas básicas.

5) Além da chefia dos cursos, havia a figura do Chefe de Ano, mais nítida nos anos 50, com atribuições principais de coordenação dos diversos cursos em cada tema, nos exercícios no terreno (ET) e nas verificações, então chamadas Trabalhos em Sala (TS) e trabalho Final (TF), assim como o estreito acompanhamento das aulas.

6) Lembro-me, afetuosamente, de alguns instrutores de meu tempo de aluno. De Infantaria: MARIO BARBOSA PINTO, OSCAR PINTO, OSCAR PASSOS, HUMBERTO SOUZA MELO, MOZIUL MOREIRA LINA, KERENSKY TULIO MOTA, JOSÉ COSTA CAVALCANTI,

MARIO DAVID ANDREAZZA. De Cavalaria: MILTON BARBOSA GUIMARÃES, SÍCULO RODRIGUES PERLINGEIRO, MOACYR BARCELLOS POTYGUARA, ALVARO LUCIO DE ARÉAS, JOÃO GAHYVA, NILO CANEPPA. De Blindados: CLÓVIS BANDEIRA BRASIL, WALTER DE MENEZES PAES, FERNANDO BELFORT BETHLEM, ARIEL PACCA DA FONSECA. De Tática Geral: JOÃO FRANCISCO MOREIRA COUTO, NEWTON CASTELO BRANCO TAVARES, JOSÉ DE AZEVEDO SILVA, JOSÉ CAMPOS DE ARAGÃO, WALTER PIRES, SYLVIO CUNHA, GERALDO KANNACK DE SOUZA, ANTONIO ANDRADE DE ARAÚJO. De Logística: ANTONIO MOREIRA COIMBRA, FELIX TOJA MARTINEZ, ARAKEN DE OLIVEIRA, FRITZ AZEVEDO MANSO, ADOLPHO JOÃO DE PAULA COUTO, OLAVO VIANA MOOG, NEWTON FARIA FERREIRA, NELSON BAETA DE FARIA, OSWALDO FERRARO DE CARVALHO, FRANCISCO DE MESQUITA CALDAS XEXÉO. Na Artilharia, havia HUGO DE MATOS MOURA, IRAZÉ PAES BRASIL, JOÃO PAULO DA ROCHA FRAGOSO, RUY DE PAULA COUTO, ALZIR BENJAMIN CHALLOUB, MARIO DE MELO MATOS, ADYR FIUZA DE CASTRO. Em Artilharia Anti-Aérea: REYNALDO MELLO DE ALMEIDA e JAYME MACHADO BELLAS. Na Engenharia ALBERTO RIBEIRO PAZ, SAMUEL ALVES CORRÊA, ROBERTO DE ULHÔA CAVALCANTI, OCTAVIO FERREIRA QUEIROZ. Em Comunicações: ARTHUR CANDAL FONSECA, KLEBER ROLLIM PINHEIRO. Em Guerra Química: SEBASTIÃO LEÃO, FERDINANDO DE CARVALHO e WALTER DOSSANTOS MEYER. Em assuntos aeronáuticos,

ARY PRESSER BELO; em assuntos navais, DIAS FERNANDES.

Tive instrutores, alguns deles excelentes, que já demonstravam convicções políticas, quando não mesmo ideológicas, muito peculiares, que haveriam de levá-los a posições polêmicas, em várias crises político-militares que iríamos viver, especialmente em face da Revolução de Março. Eis alguns desses nomes: EURYALE JESUS ZERBINI, LUIZ TAVARES DA CUNHA MELO, ARGEMIRO ASSIS BRASIL, TÁCITO LÍVIO REIS DE FREITAS, NAPOLEÃO NOBRE, NELSON WERNECK SODRÉ.

7) O curso de estado-maior desenvolvia-se em três anos: no primeiro se estudava, basicamente, o RI e o GT; no 2º, a Divisão de Infantaria, Blindada e de Cavalaria; no 3º o Corpo, o Exército, a Zona de Administração. A ênfase do 1º ano era no Curso de Infantaria e nos assuntos de Cultura Geral, principalmente Direito, ministrado por AYRTON LOBO e VASCONCELOS TORRES. A Tática Geral e a Cavalaria dominavam o 2º ano ficando o 3º para a Tática Geral e Logística.

De Infantaria ou Tática Geral havia, em cada ano, basicamente, seis temas: EA1, EA2, EA3, EA4, EA5 e EA6, TG1, TG2, TG3, TG4, TG5 e TG6, Exercícios de Armas ou Tática Geral, referentes, respectivamente, a Marchas, Marcha para o Combate, Defensiva, Movimentos Retrógrados e Operações Diversas.

Fora disso, havia, alguns temas específicos de Cavalaria, Blindados, Logística, Operações Aero-Terrestres e de Operações Anfíbias, estas últimas ministradas sob a forma de demonstração.

Os exercícios eram longos, precedidos de recapitulação doutrinária, apresentada sob a forma de trabalhos em grupo, e comportavam muitas situações par-

ticulares. Com o tempo, criou-se o hábito de precedê-los pelo estudo de casos esquemáticos. Usavam, em sua maioria, as cartas de São Paulo, quase sempre modificadas em sua vegetação e em sua rede rodó-ferroviária.

8) Estudava-se dois tipos de organização: uma à base da Divisão de Infantaria com que os norte-americanos terminaram a 2ª. Guerra Mundial; outra, de meios hipomóveis, mais ou menos o que então existia no Exército Brasileiro. Mais tarde, acrescentou-se o estudo da DI que os americanos criaram imediatamente depois da guerra, caracterizada pelos canhões sem recuo 57 e 75, a chamada Divisão do Acordo Militar, e que a escola identificava como Divisão tipo I, ficando o tipo II para a da FEB e o tipo III para a hipomóvel. As unidades de Infantaria tinham organização ternária, mas as de Cavalaria ainda eram quaternárias ou binárias.

9) O Trabalho do Comando, inicialmente, de inspiração francesa, foi, de ano para ano, adotando os modelos do Manual de Estado-Maior do Exército Americano. A decisão era dada em cinco itens: possibilidade do inimigo, idéia de manobra, dispositivo e missões, condições de execução e informações necessárias. A ordem de operações compreendia sete parágrafos.

O estudo do inimigo seguia mais a teoria das intenções do que a das possibilidades. Havia muito purismo na elaboração de idéia de manobra, feita só de concepção, sem qualquer alusão ao emprego de meios.

10) Além de seus temas regulares, a escola realizava manobra de dupla ação, em sala, com o emprego de vários escalões e com forte preocupação de estudar a influência do apoio aéreo sobre as operações. Eram trabalhos extremamente

complexos, quase de culminação do ano escolar, que exigiam muita competência da direção de manobra e da arbitragem.

11) Os temas táticos eram, em sua imensa maioria, inteiramente originais, verdadeiras obras primas de concepção e de coordenação. Os de infantaria mostravam forte influência dos egressos de Fort Benning, eram objetivos e simples, demonstrando a preocupação de esquematizar os ensinamentos doutrinários. Os de Tática Geral, dos escalões mais elevados, como o Corpo de Exército e o Exército, e principalmente os de Divisão de Cavalaria, mais brilhantes, soltos, imaginosos, tinham menos compromisso com a realidade, ou dela estavam totalmente descompromissados. Meu querido amigo e companheiro de turma, Gen ENIO GOUVÊA DOS SANTOS, costumava dizer, com senso de humor, que "as DC atacavam em rosácea e retraíam em couve-flor". Eram, no entanto, inesquecíveis e admiráveis exercícios intelectuais.

12) As viagens estavam sempre ligadas a exercícios operacionais no terreno, dos escalões Regimento, Divisão e até mesmo Corpo de Exército. Comportavam um grande número de situações particulares, com pedidos de solução para grau, de muita influência na classificação de fim de ano.

13) Havia forte preocupação com o julgamento, sendo de notar-se que o grau de conceito interferia na classificação. Durante todos os temas havia verificações para grau, os chamados PS (Pedidos em Sala), mais conhecidos como "assustados". Havia provas parciais: os Trabalhos em Sala (TS) e um exame final, em cada ano, o Trabalho Final (TF), de grande valor ponderado. Cada ano pesava no julgamento mais do que o anterior, sendo decisivo, para a classificação final, o TF do 3º ano. A conceitua-

ção, feita só no sentido vertical, chegava a ser exercido ostensivamente por alguns instrutores, com a exibição de seus caderninhos pretos.

14) Não obstante e evidente psicose do grau, era excelente o ambiente entre os alunos, assim como o relacionamento com os instrutores. Ao final de cada ano, era costume realizar-se a passagem da peneira, símbolo dos "furos", dos fracassos escolares, festa em que a crítica, às vezes acre, aos instrutores, convivia com a confraternização.

Somente em 1961 foi inaugurado o Edifício Praia Vermelha, destinado, durante muitos anos exclusivamente aos alunos.

15) Não havia Seção Técnica de Ensino, nem Seção de Doutrina, nem Grupo de Planejamento e Coordenação. O Diretor de Ensino, assessorado por um ou dois adjuntos, desempenhava duas possíveis atribuições. Mais tarde, esses adjuntos vieram a compor o Grupo de Assesores, a quem cumpria examinar toda a documentação de ensino, analisá-la, coordená-la, sugerir modificações.

16) Já havia o curso de preparação de instrutores mas ainda não havia o curso de atualização.

17) Nesse meu tempo de aluno, de 49 a 51, houve alguns acontecimentos de certa influência sobre as atividades escolares, como a criação da OTAN e a ascensão de MAO-TSE-TUNG em 1949, e a criação da ESG e o início da Guerra da Coréia em 1950.

#### b) Meus primeiros anos de instrutor (52 a 55)

1) Ao começar minhas atividades como instrutor do Curso de Infantaria, em 1952, o Comandante era o Gen FABRÍCIO, sucedido, em abril, pelo Gen JOÃO VALDETARO DE AMORIM E

MELO, e, em setembro, pelo Gen ANTONIO JOSÉ COELHO DOS REIS.

2) As grandes transformações iriam começar com a apresentação do novo Diretor de Ensino, Coronel ORLANDO GEISEL, que serviria, de 48 a 49, no Estado-Maior Geral, e nos Estados Unidos, em 50 a 51, como adjunto de dois adidos militares: EDGAR DO AMARAL e ADEMAR DE QUEIROZ. Voltando da América do Norte, após breves passagens pela Zona Militar Sul, pela Diretoria de Moto-mecanização e pela Chefia da Seção de Operações, do Estado-Maior do Exército, apresenta-se, ao Gen COELHO DOS REIS, nos primeiros dias de 1953, com ORLANDO GEISEL voltava, a figura do Diretor do Ensino todo poderoso, centro gravitacional da vida da escola, mas não voltava a centralização.

Nesse tempo começa a haver a completa assimilação da doutrina norte-americana, antes quase só veiculada pelos instrutores recém-chegados dos Estados Unidos. Americaniza-se o Trabalho do Comando, adotam-se os modelos de documentos e os manuais americanos. Inicia-se a multiplicação dos temas táticos, que irão trocar suas denominações tradicionais por identificações numéricas.

As ordens de Operações passam a ser extremamente sintéticas, cheias de abreviaturas, chegando, no exagero de alguns, a constituir verdadeiras charadas, de compreensão exclusiva para os iniciados.

Outro exemplo da influência americana é a adoção do processo de conceituação lateral, de aluno para aluno, que prepondera sobre o vertical e chega a exageros que tornam mais complexas as relações entre os alunos.

Como Diretor de Ensino e, eventualmente, como Comandante interino, ORLANDO GEISEL aperfeiçoou a organização, melhorou os serviços de apoio, dinamizou a vida escolar e assegurou maior racionalidade e objetividade ao ensino. Nessa grande transformação, teve a ajudá-lo, de perto, como adjuntos da Direção de Ensino, ARIEL PACCA DA FONSECA e FERDINANDO DE CARVALHO. Esse esforço ganha maior relevo se considerarmos a difícil quadra da vida nacional que então se viria, caracterizada pela controvérsia sobre uma possível participação brasileira na Guerra da Coreia, pela questão do Clube Militar, pelo assassinato do Major Aviador RUBENS VAZ e, afinal, em agosto de 1954, pelo suicídio do Presidente VARGAS.

3) Com a nomeação do Gen COELHO DOS REIS para Chefe de Gabinete do Ministro, é nomeado, em 15 Set 54, o novo Comandante: HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, que passara os anos de 52 e 53 como Comandante da 10ª Região Militar e o princípio de 54 como Sub-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

CASTELO vem armado de um anteprojeto de Regulamento, aprovado em 55, em que o Diretor de Ensino passara ser o próprio Comandante, em que a escola toma o seu nome atual e é criada uma divisão de estudos e pesquisas.

4) Despedindo-me desta escola, em abril de 55, com destino à Missão Militar no Paraguai, assisti, aos primeiros tempos de CASTELO como Comandante da ECEME.

Parecendo discordar das transformações ocorridas em sua ausência, demonstrando até certo saudosismo, chocou um pouco os instrutores que haviam participado das mudanças inspiradas por ORLANDO GEISEL. Para con-

firmar esse desagrado inicial crescendo na medida da extrema centralização doutrinária que se fazia, outra vez, em suas mãos, lembro-me de que a irreverência desta Praia Vermelha passou a chamá-lo de "Ambrois". Era o nome do futebolista uruguaio que tendo sido campeão mundial em 50, como jogador do Fluminense em 55 causava grande frustração por seu estilo ultrapassado.

5) Enquanto isso se passava aqui, o mundo assistia ao fim da Guerra da Coreia — em 53, ao fim da Guerra da Indochina — em maio de 54, à instalação do governo de HO CHI MIN em Hanói, ao começo da insurreição argeliana — em novembro de 54, à assinatura de Pacto de Varsóvia — em 14 de maio de 1955 e ao ingresso da Alemanha na OTAN.

6) Nesse período, convivi com alguns excelentes instrutores, além de outros já mencionados. Correndo o risco de esquecer alguns, eis os nomes: MARIO DAVID ANDREAZZA, MILTON TAVARES SE SOUZA, AUGUSTO DE OLIVEIRA PEREIRA, MANOEL THOMAZ CASTELO BRANCO, ALBERTO CARLOS DE MENDONÇA LIMA, CARLOS ALBERTO CABRAL RIBEIRO, ROBERTO DE SOUZA, ROSALVO EDUARDO JANSEN, LUIZ MENDES DA SILVA, ANTONIO LEPIANE, OSWALDO IGNÁCIO DOMINGUES, JORGE EDUARDO XAVIER, ADHEMAR DA COSTA MACHADO, JAUL PIRES DE CASTRO, ALVARO CARDOSO, JOSÉ FRAGOMENI, TULIO CHAGAS NOGUEIRA, GILBERTO PESSANHA, FERNANDO ABRANTES, JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO, BRENO BORGES FORTES, WALTER FERNANDES, GASTÃO GUIMARÃES DE ALMEIDA, DURVAL DE ALVARENGA SOUTO MAIOR, ENÉAS MARTINS NOGUEIRA, GERALDO MA-

GARINOS DE SOUZA LEÃO, HERMANN BERGOVIST, ALACYR FREDERICO WERNER, MILTON CAMARA SENA, MILTON PEDRO DE CARVALHO, NILTON FREIXINHO, SYLVIO OCTÁVIO DO ESPÍRITO SANTO, LEONIDAS PIRES GONÇALVES, FRANCISCO BOAVENTURA, DIRCEU ARAÚJO NOGUEIRA, AYRTON PEREIRA TOURINHO, EULER BEMTES MONTEIRO, JOSÉ FERRAZ DA ROCHA, ENIO DOS SANTOS PINHEIRO, JOFFRE SAMPARO, JOSÉ FRANÇA, LOURIVAL MASSA DA COSTA, HUGO JOSÉ LIGNEUL.

4. A ECEME VISTA DE LONGE (55 a 59)

a) No tempo de minha ausência, primeiro no Paraguai, depois, na Amazônia, a ECEME, assim como o próprio Exército Brasileiro, teve consolidada a influência norte-americana. Passada a perplexidade inicial, o próprio CASTELO aceitou novos tempos e novos ritmos, fazendo-se instrumento da transformação.

b. Em 1956, ORLANDO GEISEL está outra vez na Praia Vermelha, agora como Subdiretor de Ensino de EMÍLIO MAURELL FILHO. Enquanto isso, CASTELO vai cursar a ESG 56, dirigir o CEMFCA em 57 e ser o Diretor de Estudos da ESG em 58.

Em novembro, afasta-se MAURELL e ORLANDO GEISEL assume, interinamente, o comando, até outubro de 57.

Nesse período, a conceituação lateral firma-se definitivamente como instrumento de medida da ECEME.

É uma coincidência muito feliz que uma vez mais esteja presente, em momento difícil da vida nacional, no início do Governo JUSCELINO e na gestão ministerial de HENRIQUE LOTT, à frente da ECEME, um homem do equí-

librio e da firmeza de ORLANDO GEISEL.

c. Em 1958, o General HUGO PENASCO ALVIM assume o comando da escola. É um febianista, de formação francesa, entusiasta da doutrina norte-americana e dos desafios da guerra moderna, competente mas um pouco exibicionista. A seu lado, como um de seus principais auxiliares, encontra-se um cavalarião brilhante e extremamente controvertido, capaz de espicaçar ainda mais esta última faceta da personalidade de seu chefe. É ÁLVARO LUCIO ARÉAS.

5. VOLTANDO À ECEME

a. De 1959 a 1961

1) Ao voltar à ECEME, vindo da Amazônia, reassumindo funções no Curso de Tática Geral, encontro-a estudando um só tipo de organização, a Divisão que antes se chamava do tipo I, a Divisão do material do Acordo Militar, de que tínhamos uma amostra no Grupoamento de Unidades-Escola (GUEs). Abandonara a escola o estudo da DI tipo FEB e da DI hipomóvel. Em breve, isso levaria a ECEME a uma curiosa situação: a de estudar uma organização fantasma, pois, enquanto nós, praticamente ainda não tínhamos essa organização, os norte-americanos já a haviam abandonado, para adotar uma nova Divisão, à base de cinco elementos e orientada para o emprego da arma nuclear: a famosa e fugaz Divisão Pentômica.

Tendo adotado a doutrina norte-americana, seus processos, sua organização, seus textos, não só a escola, mas todo o Exército Brasileiro, encontrava-se diante de três perplexidades básicas: não tinha capacidade para acompanhar a velocidade das mutações, não tinha

poder aquisitivo para os novos equipamentos e, afinal, e principalmente, não via finalidade em realizar essas transformações.

2) Embora identifique na cúpula escolar uma certa preocupação com as experiências, encontro um grupo de excelentes instrutores profundamente empenhado na busca de novos caminhos doutrinários.

Prova disso é o Seminário de Guerra Moderna, realizado de 4 de agosto a 4 de setembro de 1959. Lá estão, além do Comandante, WALTER DE MENEZES PAES — recém-chegado da Escola Superior de Guerra, da França — ÉNIO DOS SANTOS PINHEIRO, JOÃO DE ALVARENGA SOUTO MAIOR, CARLOS DE MEIRA MATOS, HERMANN BERGOVIST, FERDINANDO DE CARVALHO, LUADYR JOÃO JUNQUEIRA DE MATOS, AMAURY DA MOTA ALVES, ARTUR MENDES FALCÃO FILHO, MURILO DE MACEDO LOYOLA, FENELON NUNES, RUBENS MARIO BRUM NEGREIROS, JAYME MIRANDA MARIATH e NEWTON CYPRIANO DE CASTRO LEITÃO.

3) O seminário constou de uma fase em que foi desenvolvido um programa de conferências versando sobre a evolução dos exércitos norte-americanos, franceses e soviético durante a última década. Em uma segunda, doze grupos de estudo, de 6 a 7 oficiais instrutores, buscaram respostas para os seguintes temas:

1º — Orientação do ensino na ECEME face à guerra atômica.

2º — Estudo das novas organizações militares.

3º — Repercussão da guerra moderna no problema nacional.

4º — Processamento da evolução do ensino na ECEME.

Na terceira fase, fez-se a apresentação dos relatórios dos grupos de estudo e, na quarta, sob a forma de demonstração, desenvolveu-se um tema versando sobre "Ataque DI (pentômica) com armas atômicas".

Os resultados estão sintetizados em duas publicações: no nº 13, junho de 1959, da "Revista da ECEME" e nas "Notas de Estudos sobre Guerra Moderna (1960)".

4) O Seminário marcou, profundamente, os anos 59 e 60. No âmbito interno, gerou o que poderíamos chamar de certa psicose nuclear no espírito de alguns instrutores mais apressados e alguma perturbação para a vida escolar, pelo desvio de instrutores para atividades nitidamente de pesquisa, com prejuízo para o ensino propriamente dito. Lembremo-nos, até de que, em 1960, ficamos apenas dois instrutores — PAULO DE ANDRADE e eu — com a responsabilidade de ministrar todas as aulas do 3º ano de Tática Geral. Nós nos revezávamos, isoladamente, no tablado, trabalhando sempre com as turmas reunidas. Enquanto isso, no plano externo, o Seminário parece ter gerado ciúmes e incompreensões nos escalões superiores, principalmente no Estado-Maior do Exército. Possivelmente por um companheiro que não trazia significativa vivência na área do ensino: o Gen LUIZ AUGUSTO DA SILVEIRA.

5) O Seminário de Guerra Moderna, de extraordinária importância para a ECEME e para o próprio Exército, resultou, sem que o desejasse expressamente, em duas tendências aparentemente antagônicas: para a guerra nuclear e no sentido da guerra insurrecional.

A primeira tendência haveria de levar-nos a um ponto de ruptura: o Exército Brasileiro não poderia continuar

acompanhando o Exército Norte-Americano. Teria de buscar, urgentemente, os seus próprios caminhos.

A segunda tendência teria profunda influência nos destinos do Exército e do país. Os estudos de Guerra Revolucionária, que haveriam de empenhar, a partir de então, o Estado-Maior do Exército, a Escola Superior de Guerra, a ECEME, daí se espalhando por todo o corpo das Forças Armadas, contribuiriam para transformar o pensamento em ação, gerando as energias que nos fizeram deflagrar a Revolução de Março.

6) Esses dois pólos seriam os modismos da temática escolar dos anos subsequentes. Em 60 e 61, dominaria a motivação nuclear, enquanto 62 e 63 seriam anos mais voltados para a Guerra Nuclear Revolucionária. Afinal, entre o infinitamente grande da Guerra Nuclear e o infinitamente pequeno da Guerra Revolucionária, a escola e o próprio Exército compreenderam que esta última era a nossa própria realidade.

7) O princípio dos anos 60 assinala dois fatos que merecem registro: a ECEME começa a receber, com a chegada de OSNY VASCONCELOS, os primeiros instrutores vindos da Escola de Estado-Maior da República Federal da Alemanha e se realizam as primeiras viagens anuais aos Estados Unidos, programação bastante controversa porque feita às expensas dos norte-americanos. Tais viagens foram suspensas, em 1967, por ORLANDO GEISEL, quando Chefe do EME, depois restabelecidas e, afinal, canceladas pelo Presidente ERNESTO GEISEL.

#### **b. Renúncia de JANIO QUADROS, e crise político-militar de sua substituição**

1) O ano de 1961 é marcado pela renúncia do Presidente JANIO QUA-

DROS, no dia 25 de agosto, e pela crise político-militar dela decorrente. Com o país a beira da guerra civil, viveu esta escola um tempo de ansiedade e emoção, havendo perdido vários instrutores destinados a missões especiais.

2) Tendo sido movimentado, nos primeiros dias de julho, para o Gabinete do Ministro do Exército, ali vivi intensamente esses difíceis dias, afastando-me desta escola no segundo semestre de 61 e durante todo o ano de 62 em que fiz o CEMCFA.

3) No fim de 61, é nomeado um novo Comandante da ECEME: JURANDYR DE BIZARRIA MAMEDE, que traria, como Diretor de Ensino, JOÃO BINA MACHADO. Aos dois estaria reservado papel de extraordinária importância no destino desta casa.

#### **c. De 1963 a abril de 1964**

Voltando à ECEME nos primeiros dias de 63, outra vez para o 3º ano de Tática Geral, participei da grande transformação que viria a ser realizada nesta escola antes e imediatamente depois da Revolução de Março, mas isto é assunto para a palestra do General CHALOUB.

#### **d. Alguns fatos marcantes**

1) Em 1960, malogra, na França, a sublevação contra a política de autoterminação de DE GAULLE.

2) Em 1961, CASTELO pronuncia, na ESG, memorável conferência sobre os tipos e formas de guerra.

3) A 19 de março de 1962, é proclamada a independência da Argélia.

4) Em 1963, inicia-se a intervenção norte-americana no Vietnã.

**e. Lembrando instrutores dos primeiros anos 60**

Relembro, com saudades da fraterna convivência intelectual que tivemos nesta escola, os nomes de alguns instrutores desses primeiros anos 60: FRITZ AZEVEDO MANSO, WOLFANGO TEIXEIRA DE MENDONÇA, ADOLPHO ROCA DIEGUEZ, GERALDO ALBERTO GOMES DE PÁDUA, CARLOS DE MEIRA MATOS, DARCY LÁZARO AYROSA DA SILVA, HUGO DE ANDRADE ABREU, LUIZ DANTAS DE MENDONÇA, GERALDO NAVARRO, ANTONIO FERREIRA MARQUES, THÓRIO BENÉDRO DE SOUZA LIMA, ROBERTO SOUZA, LAURO ROCA DIEGUEZ, JORGE SÁ FREIRE DE PINHO, MARIO SILVA O'REILLY SOUZA, ARNALDO CALDERARI, ÊNIO GOUVÊA DOS SANTOS, JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO, HEITOR LUIZ GOMES DE ALMEIDA, EUCLYDES DE OLIVEIRA FIGUEIREDO FILHO, JOSÉ MAGALHÃES SILVEIRA, MARIO RAMOS ALENCAR, MOACYR PEREIRA, SEBASTIÃO RAMOS DE CASTRO, FERNANDO MONTAGNA MEIRELES, HÉLIO LEMOS, HÉLIO MENDES, HÉLIO JOÃO GOMES FERNANDES, IVAN RUY ANDRADE DE OLIVEIRA, PAULO MIRANDA LEAL, CONFUCIO PAMPLONA, FERNANDO CERQUEIRA LIMA, JOSÉ DE SÁ MARTINS, OCTAVIO AGUIAR MEDEIROS, LUIZ FRANCISCO FERREIRA, ASDRÁBAL ESTEVES, IVAN DE SOUZA MENDES, RUBENS MARIO BRUM NEGREIROS.

**6. PALAVRAS FINAIS**

Ao agradecer, à ECEME, na pessoa do Gen DIOGO, o privilégio de partici-

par deste painel comemorativo, desejo sintetizar que tive em vista, demonstrar:

— que o intercâmbio militar Brasil—Estados Unidos resultou, de um lado, da necessidade de disporem, os norte-americanos, de bases no nordeste brasileiro e, de outro, dos interesses do nosso reequipamento bélico e do aproveitamento da oportunidade para a obtenção do financiamento de nossa primeira usina siderúrgica;

— que foi bastante lenta a passagem da influência francesa para a adoção da nascente doutrina norte-americana, consolidada nos campos de batalha da 2ª Guerra Mundial;

— que o auge da influência de Fort Leavenworth sobre a Praia Vermelha situou-se na passagem da década de 50 para a década de 60;

— que o Seminário de Guerra Moderna nos levou ao ponto de ruptura na adoção do pensamento militar norte-americano e, paradoxalmente, à descoberta de nossas realidades de segurança interna;

— que todas as mudanças tiveram forte conteúdo pessoal, o motor da personalidade de CASTELO BRANCO e ORLANDO GEISEL — no tempo focalizado em minha palestra — e, de MAMEDÉ e BINA MACHADO, no que veio depois;

— e, finalmente, desejei demonstrar como amadureceu a consciência da necessidade de conciliar o acompanhamento da doutrina militar de nossas possíveis coalizações com a busca de nossos próprios caminhos, porque houve homens capazes de querer a mudança, de pensar sem fórmulas feitas, de acreditar em idéias novas e de provar o gosto da vitória sobre o comodismo e a mansidão dos que se deixam dominar pela ideologia do colonialismo intelectual.